

Inteligência artificial e emprego: será o apocalipse?

» JOSÉ PASTORE

Professor aposentado da Universidade de São Paulo, presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP e membro da Academia Paulista de Letras

O surgimento do chatbot GPT agravou a ansiedade das pessoas em relação ao futuro do emprego. As previsões têm sido catastróficas. Divulga-se que a inteligência artificial (IA) substituirá o ser humano numa imensidão de tarefas — muito mais do que fazem os robôs. Diz-se que a IA destruirá grande parte dos empregos de classe média, aumentando ainda mais a desigualdade.

Um dos estudiosos que defenderam essas ideias durante muito tempo, David Autor, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos traz agora ventos de esperança. No seu último *paper*, ele diz que a própria IA ajudará a resolver o problema que ela mesmo vai criar no campo do emprego. Isso porque a IA, em especial os chatbots, como o GPT, permitirão às pessoas fazerem milhares de perguntas e obterem milhares de instruções que as capacitem para realizar novas tarefas.

No momento, isso é incalculável, porque a IA está na infância. Mas, diz ele, esse será o método mais eficiente de ensino nas próximas décadas, com um impacto jamais imaginado pelos seres humanos. Há 20 anos, ninguém acreditava que haveria milhares de cursos propelidos pela internet como ocorre hoje. Os chatbots ensinarão muito mais porque oferecerão oportunidades de diálogos aprofundados a quem deseja aprender.

O aprendizado com base na IA será usufruído não apenas pelas elites, mas, sobretudo, pelos trabalhadores das classes média e baixa. Nesse sentido, a IA democratizará o ensino e colaborará para melhorar a qualidade da força de trabalho.

É claro que não se espera a formação completa de um médico ou um engenheiro nessa base. Mas mesmo esses profissionais obterão da IA a possibilidade de aprender novos métodos da sua profissão de forma rápida, contínua e segura. Isso deve ocorrer também com os advogados, educadores, administradores e muitos outros profissionais. Com isso, a IA ajudará a melhorar a qualidade da força de trabalho, inclusive dos que não passaram pela educação superior, o que alavancará a produtividade, reduzirá custos e preços, ampliando o acesso da população mais pobre a bens e serviços hoje inacessíveis.

David Autor oferece um exemplo emblemático: nos Estados Unidos, os preços no campo da saúde subiram 200% nas últimas quatro décadas. Um dos componentes dessa subida de preços é a escassez de profissionais que realizam interpretações nesse campo. A IA tem o potencial para capacitar milhares de pessoas e, com isso, derrubar o custo e o preço desses serviços. Com a ajuda da IA, esses profissionais poderão diagnosticar, prescrever e tratar doenças a baixo custo. Será um grande alívio para as famílias mais pobres e para os operadores de planos de saúde.



É claro que a IA não dispensa o ser humano — em especial, o bem formado. Mas ela aumentará a capacitação das pessoas, o que, por sua vez, ajudará o desenvolvimento dos menos capazes. Será o mundo da capacitação em massa. David Autor defende que a IA ajudará a reconstruir ou construir uma nova classe média.

Deixei para o fim a parte preocupante. A aprendizagem via chatbots acionados por IA requer um mínimo de habilidades com a

linguagem, a lógica e o bom senso — habilidades que se aprende na família e na escola. No Brasil, isso se choca fortemente com o problema de baixa qualidade da maioria das escolas de ensino fundamental e médio. Ou seja, para se tirar vantagem da IA, teremos de avançar muito na educação convencional que, como diz David Autor, pode ser ajudada pela própria IA.

São previsões arrojadas, mas bem fundamentadas. Tenho fé nelas. Quem viver verá.

Game of thrones da vida real

» SIMONE VARELLA

Comunicadora social pós-graduada em marketing e observadora do mundo

O novo tabuleiro da geopolítica não é tão simples de entender para gerações nascidas na Guerra Fria. Fomos criados numa lógica maniqueísta para separar o mundo por um muro, e seguimos essa “estética” como uma espécie de órfãos do muro. No microcosmo de cada país, começamos a separar as pessoas do nosso mundinho entre conservadores x progressistas.

Mas, meus amigos, quando olhamos para esse mundão de meu Deus, essa ótica pueril de almanaque construída para caber na nossa cabecinha deixa de funcionar, e a gente se pega com aquela cara de meme da Nazaré fazendo contas. Ao cair o muro, caiu também essa nossa crença que gera tantas discussões acaloradas em grupos de WhatsApp.

A Rússia teve um presidente cambaleante, tanto na economia como na bebida. O país se perdeu e foi jogado numa espiral financeira e política delicada. Perdeu território e petróleo com a emancipação de Estados que foram surrupiados para compor sua colossal geografia criada na força do canhão. Pagou o preço. Perdeu fronteiras estratégicas que, na verdade, eram estados sequestrados. Esses são momentos em que o povo, já desesperado, procura um salvador da pátria nacionalista. Quase um predestinado, um Putin e sua promessa de fazer América *great again!*. Ops! Eu quis dizer Rússia.

Mas isso não se dá da noite para o dia. A falecida União Soviética assistiu atenta à

criação do G7 em 1975 (França, Reino Unido, EUA, Alemanha, Itália, Canadá e Japão). Nesses quase 50 anos, muita coisa mudou no planeta. A China passou por um milagre econômico, o Brasil cresceu em importância, a Índia se tornou a terceira maior economia do mundo e o país mais populoso. A Rússia se reestrutura num nacionalismo que, querendo ou não, trouxe mais conforto à população. Putin pode ser chamado de czar — e, sem dúvida, é um autocrata —, mas não cometeu o mesmo erro dos Romanov, tirou o povo da pobreza para conseguir se perpetuar no poder.

Tudo isso aconteceu, e o G7 continuou o mesmo, fechado e cercado pelo muro da arrogância, na certeza de uma soberania eterna, pronto para enfrentar um inimigo comum: a Rússia. Engraçado como a Rússia sempre foi o terror do dito Ocidente. A verdade é que ninguém sabe como detê-la. Napoleão e Alemanha (por duas vezes) sucumbiram à astúcia militar russa. E os Estados Unidos souberam cozinhar uma guerra fria para não enfrentá-los em batalha de fato.

O G7 não se reinventou para enfrentar essa guerra política/econômica. Congelou no mesmo episódio da série, enquanto uma nova temporada acontecia pelo globo durante esses 50 anos. Assim, surge o clube dos excluídos, também conhecidos como Brics. Países que cansaram de não ser ouvidos e respeitados de igual para igual. Eles não estão unidos por religião, não comungam do

mesmo modo de vida nem de valores, sejam desafios internos, contam com saudades e iranianos debaixo do mesmo teto. São extremamente diversos, mas unidos na busca de uma pauta econômica eficiente que os consolide como poder mundial. O maior inimigo dos Brics poderá ser a falta de consenso entre eles mesmos, mas, se conseguirem permanecer unidos, essas economias juntas não enfrentarão paralelo.

A criação de um banco único é outro sinal de amadurecimento. O que teremos pela frente? Moeda única para transações entre os membros? O que isso causaria ao dólar? Como ficarão os Brics se Trump vencer as eleições americanas? Segundo a revista *Times*, Putin e Trump “são mais que amigos, são *friends*” (sim, eu adoro um meme toco, perdão). E a guerra na Ucrânia? Estados Unidos retirariam apoio?

Sabe o que isso tem em comum com a bendita pauta de costumes? Ou com a defesa da democracia? Nada, meu amigo! Assim como vacina não torna ninguém jacaré. Isso é discurso interno. Como você pode ver, o mundo não é plano e vai muito além das 40 gramas de erva que o menino carrega no bolso. O jogo é outro. Vamos ver o próximo episódio da série: quem fica com a América? Prepara a pipoca que novembro tá chegando!

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Previdência sem futuro

Em 2023, o déficit da Previdência atingiu a cifra de R\$ 306 bilhões. Qualquer outro país com números negativos dessa grandeza já teria declarado falência em seu regime de aposentadorias. Na verdade, o mundo inteiro sofre com esse problema, causado sobretudo pelo envelhecimento da população mundial. No nosso caso, essa situação vem se agravando desde 2006, quando os gastos previdenciários com servidores passaram a crescer uma média de 12,5% ao ano nos mais de 5 mil municípios, 5,9% nos estados e 3,1% na União.

Para piorar essa situação, a taxa de investimentos vem caindo também. Pesquisa feita pela *Folha de S. Paulo* indica que, nos últimos 30 anos, as despesas previdenciárias da União saltaram de 19,2% para 51,8%. Trata-se de uma situação que já indica uma situação de falência anunciada caso outra reforma da Previdência ou alguma outra fórmula matemática de salvação não seja feita com a máxima urgência.

Esse problema poderia ser amenizado caso houvesse investimento público e privado e uma onda seguida de superavit nas contas do governo. Tudo o que não ocorre atualmente. Os gastos obrigatórios do governo com assistência social, educação e saúde só têm aumentado nesses últimos anos. Não existe conta no governo que esteja dentro de parâmetros positivos.

A fuga de capitais e o retraimento do setor privado interno contribuem, cada um a seu modo, para piorar a situação da Previdência. De 1980 a 2022, a taxa de investimento público em infraestrutura em nosso país despencou de 5,1% para 0,6% do Produto Interno Bruto. Colocada diante das contas públicas, o que se pode verificar é que os R\$ 6 trilhões de déficit da Previdência correspondem a mais de 93% da dívida líquida do setor público.

Para aqueles que estão, no dia a dia, envolvidos nessa questão quase insolúvel, uma saída mais sensata, mas nem um pouco indolor, seria acabar com as surreais disparidades de salários pagos pela Previdência, trazendo esses números para um patamar mais condizente não só com a realidade econômica do país, mas com a realidade financeira da própria Previdência. Existem ainda outros problemas a serem resolvidos, como o grande número de novos benefícios, que cresce sem parar todos os anos.

O governo, enredado também em sérios déficits nas contas públicas, pouco pode fazer. Primeiro, porque não conta com uma maioria folgada dentro do Congresso. Depois, porque foi ele mesmo que cuidou, de forma populista, de dismantlar as reformas feitas por governos passados. A essa altura dos acontecimentos, o que todos já sabem e aguardam é que, nas próximas décadas, o rombo da Previdência estará na casa dos trilhões de reais.

Analistas entendem que o rombo da Previdência possa ser ainda maior do que o estimado, já que o governo tem usado sistematicamente projeções para lá de otimistas com relação ao crescimento do PIB. Bastaria ao atual governo reconhecer que as mudanças feitas na Previdência em 2019 estavam no rumo correto. Assim como estavam corretas as intervenções feitas pelo ex-ministro da economia Paulo Guedes, que, naquela ocasião e em decorrência do saneamento das contas públicas, estimava que o rombo na Previdência teria uma redução entre R\$ 800 bilhões e R\$ 1,07 trilhão no espaço de 10 anos.

Os próprios economistas já apontavam que, no fim de 2022, a economia de recursos com a reforma feita na Previdência entre 2020 e 2022 havia atingido um valor extraordinário, em torno de R\$ 156,1 bilhões. O que o atual governo tem feito é seguir a mesma fórmula que faliu a Previdência durante as gestões petistas, deixando esse legado negativo para os próximos mandatários.

» A frase que foi pronunciada

“Quando o *establishment* perde a decência, a mudança é inevitável.”

Paulo Guedes

Para melhor

» Há estudos no Ministério do Planejamento para ampliar o plano de saúde de funcionários públicos para a Assefaz. Tem muita gente sorrindo com essa mudança. Principalmente os beneficiários.

Legislativo

» O jogo da democracia. Está no forno um jogo sobre questões políticas e eleitorais que promete esquentar os ânimos.

Começo

» Já são várias as linhas de ônibus que não empregam trocadores. Como grande parte do mundo, viagem interurbana apenas com cartão. As opiniões se dividem, mas é o futuro.

» História de Brasília

Veja-se que há condições de compras muito melhores do que se fosse construir, e há a vantagem de já receber os apartamentos prontos. A Novacap fez um excelente negócio com o edifício da Sousenge, e o exemplo poderia frutificar, para estimular novas construções. (Publicada em 10/4/1962)